

DOSTOIÉVSKI E TOLSTOI NA GUERRA NA UCRÂNIA

Quando a propaganda se disfarça de política: como potências reescrevem narrativas históricas para justificar interesses geopolíticos, criando duplos padrões que contradizem seus próprios princípios.

Gabriel Camilli*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Em dezembro de 2025, a nova chefe do MI6 (Serviço de Inteligência do Reino Unido), Blaise Metreweli, alertou em seu primeiro discurso público que a Rússia está “*exportando o caos*” como uma característica central de sua política externa (segundo o *Euronews.com*).

Metreweli, a primeira mulher a liderar o MI6, fez seu discurso de posse na sede da agência em Londres. Ela afirmou que o Reino Unido está em uma nova “*era de incerteza*”, onde a linha entre paz e guerra se tornou tênue.

Em seguida, ela descreveu as táticas híbridas da Rússia – que incluem ciberataques, sabotagem, incêndios criminosos e campanhas de desinformação – não como fracassos isolados, mas como estratégia deliberada: “*Exportar o caos é função, não um erro, na abordagem russa.*” Ela observou que a Rússia usa atores não estatais e criminosos para realizar atos hostis na Europa que ficam aquém do limiar do conflito armado aberto, minando a coesão da OTAN e o apoio à Ucrânia.

No entanto, o outro lado da moeda, da perspectiva russa, é que vários meios de comunicação estatais ou pró-Rússia inverteram essa narrativa, alegando que é a inteligência britânica que prioriza “*exportar o caos para a Rússia*” por meio de provocações e operações psicológicas. Nesta

coluna, relatamos diversas vezes sobre a 77^a Brigada do Exército Britânico. Trata-se de uma unidade especializada em guerra da informação, monitoramento digital e operações de influência nas mídias sociais, criada para moldar o comportamento e controlar a opinião pública usando ferramentas não letais. Conforme informações disponíveis publicamente, essa unidade combina guerra psicológica, operações de mídia e apoio militar para influenciar a percepção dos adversários. Ela se concentra em analisar, monitorar e gerenciar informações na internet e nas mídias sociais, operando em ambientes digitais.

A 77^a Brigada faz parte da abordagem do Reino Unido para operar na “zona cinzenta” entre a paz e a guerra, adaptando comportamentos e protegendo a tomada de decisões. A brigada combina militares da ativa com reservistas que possuem habilidades especializadas em áreas como jornalismo, *marketing*, análise de dados e psicologia. Pelo que sabemos, o trabalho é realizado remotamente ou em pequenas equipes para apoiar a presença militar permanente nas Ilhas Malvinas (com base em Mount Pleasant), gerenciando a narrativa pública e monitorando o ambiente digital na região do Atlântico Sul.

“A LINHA DE FRENTE ESTÁ EM TODO LUGAR”

Na mais recente escalada da purga cultural ucraniana e dos ataques a tudo o que é russo, o Instituto da Memória Nacional da Ucrânia rotulou formalmente, neste mês, os renomados autores clássicos russos Fiódor Dostoiévski e Liev Tolstoi como vetores de “*propaganda imperial russa*”. Isso incluiu um apelo do órgão, que opera sob a tutela do Gabinete de Ministros da Ucrânia, para que todas as ruas, monumentos e instituições públicas que levam seus nomes sejam removidos.

Segundo a agência *Interfax*, ao comentar a decisão, “*a nomeação de acidentes geográficos, entidades jurídicas, direitos de propriedade e nomes de lugares, bem como a construção de monumentos e placas comemorativas em sua homenagem na Ucrânia, foi a personificação da russificação: a política imperial russa que visava impor o uso da língua russa, promover a cultura russa como superior a outras línguas e culturas nacionais, suplantar a língua ucraniana e reduzir o espaço cultural e informacional ucraniano*”. Em um comunicado divulgado em 20 de janeiro, a comissão de especialistas do Instituto da Memória Nacional afirmou que o legado literário de ambos os escritores está “*diretamente ligado à glorificação da política imperial russa*”. Autoridades ucranianas alegaram que há indícios de “ucranismofobia” em seus livros.

A ação foi recebida com completo silêncio na mídia ocidental, e a história passou quase totalmente despercebida, apesar de Dostoiévski e Tolstoi terem sido e continuarem sendo amplamente estudados e apreciados em todo o mundo, nas universidades ocidentais mais prestigiosas, em programas literários, em teatros e entre leitores ávidos.

Suas obras, de *Os Irmãos Karamazov* ao grandioso *Guerra e Paz*, contribuíram para moldar a cultura ocidental e o ensino superior ao longo dos 150 anos desde sua criação.

No entanto, o instituto ligado ao governo ucraniano agora alega que a proeminência histórica de Dostoiévski e Tolstoi na Ucrânia não se deveu à sua arte literária universalmente atraente, mas sim a uma longa campanha de russificação destinada a marginalizar a língua e a cultura ucranianas.

“PROPAGANDA”

A Ucrânia, em essência, acaba de rotular como “propaganda” dois dos maiores autores históricos do mundo, que são anteriores tanto à Federação Russa moderna quanto à União Soviética do século XX. Vale a pena destacar este texto de Glenn Diesen: “*Propaganda é a ciência de convencer o público sem apelar à razão. A russofobia, definida como o medo irracional da Rússia, deveria ser um tema central no estudo da propaganda no Ocidente, já que ao longo da história foi atribuída à Rússia uma identidade diametralmente oposta: a do ‘Outro’.*”

O Ocidente e a Rússia foram justapostos como ocidentais vs. orientais, europeus vs. asiáticos, civilizados vs. bárbaros, modernos vs. atrasados, liberais vs. autocratas e até mesmo bem vs. mal.

Durante a Guerra Fria, as linhas divisórias ideológicas foram naturalmente definidas enquadrando o debate como capitalismo vs. comunismo, democracia vs. totalitarismo e cristianismo vs. ateísmo.

Após a Guerra Fria, a propaganda anti-Rússia busca filtrar todas as questões políticas através do estereótipo binário simplista de democracia vs. autoritarismo, o que oferece pouco ou nenhum valor heurístico para a compreensão das complexidades das relações.

Uma característica fundamental da propaganda anti-Rússia é que o “Outro” inferior é tanto objeto de ridículo desdenhoso quanto fonte de medo descontrolado diante de uma ameaça percebida à civilização. Portanto, ao longo da história, a Rússia desempenhou um de dois papéis: ou aprendiz da civilização ocidental, aceitando o papel subordinado de estudante e objeto político, ou uma ameaça que deve ser contida ou derrotada.

SEMELHANÇAS SUSPEITAS E DE SENSO COMUM

Como sabemos, a “usurpação” das Ilhas Malvinas pelo Reino Unido é paralela à sua história colonial e geoestratégica, caracterizada pela ocupação forçada em 1833, pela defesa de seus interesses econômicos (recursos pesqueiros/hidrocarbonetos) e pelo uso das ilhas como base militar chave no Atlântico Sul. O Reino Unido impõe um modelo de autodeterminação a uma população transplantada, semelhante a outros enclaves globais. Este é o permanente “duplo padrão” da Grã-Bretanha, que apoia na Ucrânia o que faz conosco em nossas Malvinas.

A narrativa ucraniana, incondicionalmente apoiada por seu aliado, a Grã-Bretanha, considera a suposta “russificação” como uma ferramenta da política imperial para impor uma cultura e língua sobre outra. Se aplicarmos essa lógica ao caso das Ilhas Malvinas, a política britânica pode ser comparada das seguintes maneiras:

- **Substituição toponímica:** Assim como o texto menciona que nomes russos foram impostos a “características geográficas” para russificar a Ucrânia, o Reino Unido manteve exclusivamente a toponímia britânica nas ilhas (por exemplo, Port Stanley em vez de Puerto Argentino). Da perspectiva argentina, esta é uma forma de apagar o passado histórico e jurídico anterior à ocupação de 1833.

- **Imposição e deslocamento cultural:** O excerto indica que a cultura russa foi promovida

como “superior” para deslocar a cultura local. Nas Ilhas Malvinas, após a expulsão das autoridades e da população argentina em 1833, Londres implantou uma população transplantada, impondo suas leis, idioma e costumes para consolidar um “espaço de informação” britânico no Atlântico Sul.

• **O papel dos “símbolos”:** O texto descreve figuras como Dostoiévski e Tolstoi como “símbolos da política imperial”. Da mesma forma, a Argentina argumenta que a presença de monumentos, bandeiras e da própria monarquia britânica nas ilhas não são meros atos culturais, mas ferramentas políticas para reafirmar uma soberania que a Argentina considera uma usurpação ilegal.

• **Contradição no discurso:** Enquanto hoje o Reino Unido apoia a Ucrânia contra o “imperialismo russo”, a Argentina sustenta que Londres aplica nas Malvinas a mesma lógica colonial que o exemplo atual critica: manter um território por meio da imposição cultural e da força militar, ignorando a integridade territorial do Estado afetado.

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel major da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
